

## **Debaixo de cada cor**

Joana Consiglieri

2022

Em **Debaixo de cada cor**, redescobre-se a obra pictórica de Pedro Calapez. Percepcionamos a pintura através de uma intensa vibração. Numa forte expressão de largas pinceladas e manchas, o gesto dá ao visitante a dimensão da cor pura. Com Calapez, retomamos o prazer da contemplação da cor. Sentimos a matéria pela sobreposição da mancha. Pincelada sobre pincelada, gesto sobre gesto, o artista comunica o movimento e a energia, numa experiência da sensação, em que as forças se contradizem através da pressão, inércia, peso, atracção e gravitação. Essas forças germinam na sensibilidade da espacialidade do movimento. A cor oscila em pura discórdia entre a sensação e a força, e o visível e o invisível encontram-se debaixo dessa linha fronteira da pintura. E é através desta dimensão que revisitamos a sensação por Deleuze (1981):

*A tarefa da pintura é definida pela tentativa de tornar visível as forças que não são propriamente visíveis. O mesmo vale para a música, de tornar sonoras as forças que não o são. Tudo isto é evidente. A força está em relação estreita com a sensação: é preciso que uma força se exerça sobre um corpo, na forma de uma onda, para que haja sensação.<sup>1</sup>*

Tal como na música, a cor narra a experiência no tempo e no espaço. A linha surge como contraponto da junção das manchas, a cor cobre uma sobre outra, fazendo com que voltem a aparecer subtilmente no espaço. Na pintura, nasce o movimento e a energia reflecte. Estabelece-se o ritmo, dando ênfase à transparência como se se transformasse em “matérias”. Cria-se, assim, uma espécie de sistema pictórico.

Pedro Calapez adopta uma paleta de cores fortes e intensas. Simultaneamente, diverge em quentes ou frias, claras ou sombrias, apresentando o processo da pintura através da acção indutiva cor-espaço, que faz lembrar “color field painting”, de Clement Greenberg.<sup>2</sup> Embora o crítico de arte quisesse apresentar uma nova leitura aos artistas norte-americanos emergentes dos anos 1950, quase ficou conotado por uma percepção meramente decorativa, o que levou Gombrich a argumentar (1993, p. 481):

*Mas seria erróneo apresentar a cena contemporânea como se fosse inteiramente dominada por experimentarmos tinta, textura ou formas, e nada mais.<sup>3</sup>*

**Debaixo de cada cor** deu lugar às forças de tracção da Física. Um verdadeiro contraste que reflecte a acção do gesto na transparência. Numa experiência quase científica do que se entende por cor, o artista viabiliza a desarmonia do sistema cromático. Produz uma linguagem e um significado, obrigando o observador a ir além da percepção do sentir “debaixo da cor”. A cor evoca a dimensão física e matemática como se fosse um diagrama de respostas corporais e naturais de um “sistema específico energético”. Relembramos as palavras de Ball e Ruben (2004, p. 4843) sobre os pintores do

século XX: “Havia uma forte sensação de que a composição da cor poderia ser seguida de um modo objectivo e científico.”<sup>4</sup>

Em amarelos, laranjas, verdes, azuis, bem como pretos e castanhos, a pintura assume, no tempo e no espaço, uma linguagem gramatical, abrindo-se, desta forma, ao movimento. Calapez aplica a cor sobreposta em camadas, de tal modo que se vê a transparência e a luminosidade. As camadas das várias cores ou tons, são aplicadas de um modo leve, intensificando a expressão do gesto do artista. Somos, assim, remetidos para a citação de Alda Galsterer (2021):

*As obras nesta exposição assumem todas um registo mais abstrato, não obstante uma linha inicial que nos parece querer revelar mais qualquer coisa: aquilo que se encontra “debaixo de cada cor.”*<sup>5</sup>

Em algumas das suas obras, o pintor cria uma tensão através do contraste. Noutras, enfatiza a cor com patines quase monocromáticas, não empregando um registo homogéneo, mas uma pura impressão vibrante do movimento. Dele emerge a luz, que se propaga de um modo invisível cujas propriedades físicas se revelam cruciais para a criação da pintura.

Na discórdia e desarmonia, nasce a percepção. A cor como uma linguagem pura da matéria. Ela é, portanto, material, não é imaterial. Poderia, em última instância, ser recordada através de outras leituras como a máxima potencialidade existencial, em que as grandes superfícies seriam intensificadas com “pura subjetividade”. Indo mais além, diria Mark Rothko (2004, p. 50): “Estou interessado apenas em expressar as emoções básicas – tragédia, êxtase, ruína e assim por adiante”.<sup>6</sup>

Pedro Calapez afasta-se deste passado estético existencial, cuja expressão procura a emoção, embora estes artistas quisessem ultrapassá-la. As pinturas de Calapez expressam-se através de ondas eletromagnéticas de pura energia, cuja velocidade, ritmo e vibração se manifestam no espaço bidimensional, que, ao produzir uma tensão no gesto, reflecte a força física do artista.

Com Calapez, revivemos as grandes superfícies da cor através de um olhar de “pura objectividade”, se for possível conceber esta leitura na pintura contemporânea. As cores são apreendidas como matérias corpóreas, adoptando o conceito de tinta-material. Através da aplicação gestual do pigmento, o observador liberta-se da ilusão, embora, no espaço, continuássemos a imaginar mais do que subtilezas reveladas através da experiência cromática.

Numa pura sensação. A cor vibra, cintila, repete-se, movimenta-se de uma forma aparente de um contraste para outro. Desequilibra e acentua o gesto em movimentos fortes de cor-luz.

O observador retoma a consciência do lugar sentindo a sua espacialidade. Ao olhar para a cor, percecionamos a escala. Uma realidade física que Pedro Calapez expõe através da deslocação do movimento visual entre as várias pinturas.

Embora estas obras sejam apenas bidimensionais, passíveis de ser percebidas esteticamente numa leitura mais tradicional, contemplamo-las. Sentimos a presença do volume espacial do seu trabalho anterior. A luz exterioriza a pintura, a cor movimenta-se para lá da superfície da tela.

A cor e a matéria encontram-se na plasticidade do gesto.

Uma dinâmica entre a matéria e a cor.  
Funde-se a ação no gesto, na vibração e no ritmo.

Desfrutamos a beleza cromática.  
Vivenciamos a cor pura na pintura.

Julho 2021

(2ª edição do texto, no antigo acordo, 2022 - Texto publicado na revista online ARTECAPITAL  
<http://www.artecapital.net/exposicao-688-pedro-calapez-debaixo-de-cada-cor>)

---

<sup>1</sup> Deleuze, Gilles (1981). *Francis Bacon: Logique de la Sensation*. Trad. Silvio Ferraz e Annita Costa Malufe. Paris :Éditions de la différence.

<sup>2</sup> Anfam, David; Amstrong, Richard & Greenberg, Clement (2010). *Color Fields*. New York: Guggenheim Foundation.

<sup>3</sup> Gombrich, E. H. (1993). *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Guanabara Kooogan.

<sup>4</sup> Ball, Philip & Ruben, Mario. (2004). “Color Theory in Science and Art: Ostwald and the Bauhaus”. In *Angew. Chem. Int. Ed.*, 43, pp. 4842 –4846. Acedido em [www.angewandte.org](http://www.angewandte.org) (Tradução MPPC)

<sup>5</sup> Galsterer, Alda. (2021). PEDRO CALAPEZ: Debaixo de cada cor. (Folha de Sala). Lisboa: Galeria Belo-Galsterer.

<sup>6</sup> Baal-Teshuva, Jacob. (2004). Rothko. Köln, Lisboa: Taschen/Público.